



## GÊNERO ORAL: TRABALHANDO A ORALIDADE COM PEÇAS TEATRAIS

Autora: Izabel Cristina Barbosa de Oliveira

(Universidade Aberta do Brasil – UAB; [izabel\\_cbarbosa@hotmail.com](mailto:izabel_cbarbosa@hotmail.com))

**Resumo:** A comunicação é desenvolvida por gêneros do discurso, formas-padrão relativamente estáveis, determinadas sócio-historicamente (BAKHTHIN, 2003). A fala é adquirida de forma natural por contextos informais diários (MARCUSCHI, 1997). A escola é responsável por permitir a circulação de diversos gêneros, possibilitando a criança a ter contato e assumir a produção de locutor em diversas instâncias de produção de saberes (GERALDI, 2002). Nesta perspectiva trabalhar peças teatrais em sala de aula é oportunizar os estudantes a utilizarem a oralidade em diversos contextos, de maneira colaborativa, contextualizada e significativa. A escola por vezes acaba por focar seu trabalho pedagógico, principalmente nos gêneros escritos, negligenciando, os gêneros orais (REIS, 2009). Os objetivos deste projeto foram apresentar o gênero teatro e suas características aos alunos; e trabalhar a oralidade dos estudantes utilizando peças teatrais. O trabalho foi desenvolvido em 12 aulas de Língua Portuguesa, em uma turma de 8º ano do ensino fundamental II de uma instituição pública na cidade de Recife. A peça escolhida foi *A família e a festa na roça* de Martins Pena, disponível no livro didático do aluno e o trecho encenado foi a cena XIII. Observou-se a necessidade de familiarizar os alunos com o gênero, trabalhar suas características e especificidades, ensaiar e auxiliar os estudantes na reprodução das falas dos personagens, com as devidas entonações, além da formulação do cenário. Como resultado, após as encenações, os estudantes tornaram-se mais autônomos e souberam ler o texto teatral com as entonações e as pausas corretas, além de interpretá-las contextualizando o diálogo.

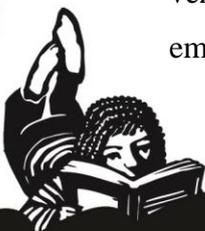
**Palavras-chave:** gêneros escritos e orais, peças teatrais, oralidade.

### INTRODUÇÃO

O senso comum acredita que não é necessário ensinar aos alunos a como se expressar uma vez que eles já chegam na escola com esta habilidade desenvolvida, sabendo opinar, comunicar situações, reivindicar e tantas outras formas de gênero que constituem a modalidade oral.

Porém, observa-se que há uma limitação nos contextos de uso dos estudantes, pois não são expostos a contextos mais específicos que necessitam ser ensinados, como seminários, apresentações orais em sala, e outros gêneros orais que também são necessários para que possam expressar efetivamente suas emoções, reflexões e opiniões.

Alguns profissionais também questionam sobre o ensino da modalidade oral, uma vez que muitos acreditam que a modalidade escrita é mais importante, desta forma, a oral ficaria em segundo plano durante as aulas de língua portuguesa.





# VII ENLIJE

Cabe ao professor promover situações nas quais os estudantes se deparem com contextos diversos daqueles que já estão habituados, a fim de expandir seu repertório comunicativo.

O gênero pode ser trabalhado de diversas maneiras, uma destas pode ser utilizando peças teatrais, pois apresenta-se como uma maneira lúdica de trabalhar a oralidade, além de expor os aprendizes a um gênero que muitos ainda não conhecem.

## 1. O ENSINO DA ORALIDADE

Alguns professores costumam priorizar o ensino da modalidade escrita da Língua Portuguesa em detrimento à modalidade oral. Vale lembrar que cada modalidade deve ser ensinada a fim de que os aprendizes possam comunicar-se de maneira adequada em qualquer contexto de uso, observando suas variedades.

Barros (2014, p.40) explica justamente que “nas comunidades letradas, a escrita, embora tenha surgido posteriormente à fala, tornou-se um bem social indispensável, sendo supervalorizada [...], simbolizando educação desenvolvimento e poder”.

Também percebemos esta tendência na asserção de Marcuschi (2004), quando afirma que há uma potencial cultura ideológica de associação à escrita de um forte prestígio social, e esta prática está presente nas atividades escolares, porém a oralidade é uma atividade comunicativa incontestavelmente insubstituível.

A língua é utilizada para expressar vários sentimentos e pensamentos, mas antes de tudo é uma ferramenta de interação humana. Segundo Travaglia (2002, p.23)

[...] o que o indivíduo faz ao usar a língua não é tão-somente traduzir e exteriorizar um pensamento, ou transmitir informações a outrem, mas sim realizar ações, agir, atuar sobre o interlocutor (ouvinte/leitor). A linguagem é, pois, um lugar de interação humana, de interação comunicativa pela produção de efeitos de sentido entre interlocutores, em uma dada situação de comunicação e em um contexto sócio-histórico e ideológico. Os usuários da língua ou interlocutores interagem enquanto sujeitos que ocupam lugares sociais e “falam” e “ouvem” desses lugares de acordo com formações imaginárias (imagens) que a sociedade estabeleceu para tais lugares sociais [...].

É necessário trabalhar o uso da oralidade com os estudantes a fim de que saibam utilizar os gêneros orais em seus diversos contextos de uso, assim como acontece com a modalidade escrita.

Pelo fato do homem não ser concebido fora de suas atividades sociais, isto é, situações sócio-comunicativas (BAKHTHIN, 2002), é a partir das palavras que as pessoas





# VII ENLIJE

refletem e refratam diferentes realidades. E para expressar estas realidades os indivíduos comunicam-se de maneiras distintas. Segundo Schneuwly (2010, p.117)

[...] de fato, há pouca coisa em comum entre a performance de um orador e a conversa cotidiana; entre uma tomada de turno num debate formal e a discussão num grupo de trabalho; entre uma aula dada e uma explicação numa situação de interação imediata; entre a narração de um conto em sala de aula e o relato de uma aventura no pátio do recreio.

Percebe-se, assim, que para cada contexto, é necessário uma forma, uma entonação, um vocabulário específicos para pode realmente expressar seus anseios, desejos, opiniões, reflexões e comentários.

Compartilhamos com Conceição (2011, p.12) a importância de se trabalhar com o oral a partir de peças de teatro, uma vez que podemos explorar vários aspectos que permeiam este gênero público.

Em uma peça teatral, além da linguagem verbal, todas as modalidades **[do gênero oral, como meios paralinguísticos, cinéticos, aspectos externos, etc]** podem vir a ser relevantes, contribuindo para o fracasso ou o sucesso da apresentação. Pensar em gêneros discursivos e, no nosso caso específico, em gêneros discursivos orais, então, é pensar na linguagem nas diversas práticas sociais que acontecem na vida e nos recursos expressivos que podem ser mobilizados nessas práticas. Ensinar gêneros orais públicos significa refletir sobre como acontecem essas interações na vida, o que as caracteriza e como podemos praticá-las em sala de aula no intuito de promover participação mais confiante dos educandos nessas práticas. (acréscimo nosso)

A peça teatral também traz o lado lúdico, é o aprender com uma roupagem diferenciada, uma aula sem cara de aula, embora com objetivos bem específicos a serem alcançados.

O texto oral da peça teatral também está ligado ao escrito e por isto, é um ótimo gênero para se trabalhar em sala, pois propicia diversas abordagens tanto com a modalidade oral quanto a modalidade escrita da língua portuguesa.

Pode-se dizer que o teatro, apesar de ser um gênero oral, via de regra, está intimamente relacionado à escrita, já que muitas peças partem de um texto escrito que tem como finalidade a encenação oral. Há também espetáculos teatrais que começam a partir de improvisações orais dos atores e cujos diálogos são escritos posteriormente, a fim de auxiliar os atores a memorizarem suas falas (não mais espontâneas como na improvisação), e novamente são encenados oralmente e assim por diante. Há uma mescla entre esses dois modos enunciativos da língua, podendo o professor utilizar-se disso para um melhor proveito no ensino. (CONCEIÇÃO, 2011, p.17)

A peça teatral também é primordial para se trabalhar a oralidade, uma vez que no teatro é necessário saber dar as entonações vocálicas nos momento corretos. O texto teatral não é lido de maneira mecânica nem automática, ele é vivenciado profundamente.





# VII ENLIJE

Nos preparativos e treinos para a encenação de peças teatrais, é possível observar, de acordo com Conceição (2011, p.30)

exercícios de articulação de voz, projeção, volume e entonação até atividades que envolviam situações comunicativas, um tópico discursivo, relação entre personagens, intenções ao dizer o que se diz (encenações que lidavam não só com aquilo que era dito, mas também com a forma de dizer, o motivo de dizer, as pausas, ênfases, etc.).

Desta maneira, acreditamos que trabalhar com peças teatrais em sala é uma maneira significativa para o uso da oralidade, uma vez que os estudantes irão realmente utilizar a modalidade oral, da maneira mais verdadeira possível, simulando uma cena do trecho da peça.

## 2. A UTILIZAÇÃO DE PEÇAS TEATRAIS NAS AULAS

Em um primeiro levantamento feito na turma, perguntando aos alunos quem já tinha visto uma peça teatral, apenas 3 alunos levantaram a mão e vivido esta experiência. Em um universo de 45 (quarenta e cinco) alunos de uma turma de 8º ano do Ensino Fundamental isto não é nada bom.

Após a constatação deste percentual, a professora observou a necessidade de expor este gênero a todos os estudantes que foram privados, por várias razões, de poder apreciar uma peça.

A professora, primeiramente, pediu para que os alunos buscassem em casa, a partir do acesso à internet, cenas ou peças que estivessem disponíveis gratuitamente e observassem como elas eram encenadas.

Nas outras aulas, apesar de a experiência não ter sido presencial, alguns alunos agora tinham ideia de como este gênero é constituído. No livro de apoio utilizado pela instituição pública de ensino, havia em uma das lições um trecho da peça de Martins Pena, *A família e a festa na roça*, a cena XIII.

No primeiro contato dos alunos com este tipo de leitura, esta era feita sem nenhuma entonação, uma leitura seca e sem vida, praticamente mecânica. A partir da exposição da peça em sala e de debates observando e analisando suas características, a professora pediu para que os estudantes se separassem em grupos e comesçassem a treinar a leitura como se estivessem realmente encenando uma peça teatral.





# VII ENLIJE

Posteriormente, a professora com cada grupo, separou quem iria ficar responsável por desenvolver o cenário, arrumar as roupas adequadas para a peça e quem iria ser qual personagem.

Estes momentos de organização de definição dos papéis foram muito importantes, pois alguns alunos, por serem tímidos, escolheram as menores falas, porém, contribuiriam mais em outros aspectos, como na organização, ornamentação, arrumando os materiais necessários. Desta maneira, as partes foram divididas de maneira igual sem sobrecarregar nenhum estudante.

O trabalho foi desenvolvido em 12 aulas de Língua Portuguesa, em uma turma de 8º ano do ensino fundamental II de uma instituição pública na cidade de Recife. A peça escolhida foi *A família e a festa na roça* de Martins Pena, disponível no livro didático do aluno e o trecho encenado foi a cena XIII.

Depois de unas 3 aulas, os alunos já chegavam em sala e se organizavam em seus respectivos grupos. A professora dirigia-se a cada grupo e além de escutar a leitura, orientava nos ajustes que deveriam ser feitos antes do dia da apresentação.

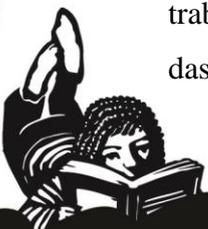
Os objetivos deste projeto foram apresentar o gênero teatro e suas características aos alunos; e trabalhar a oralidade dos estudantes utilizando peças teatrais. Porém esta atividade, com o passar das aulas, foi muito produtiva em vários aspectos, além dos objetivos traçados inicialmente. Percebeu-se que a interação em sala ficou melhor, os alunos, mesmo os mais inibidos, melhoraram nas leituras em voz alta. Houve uma maior sintonia e a divisão das partes do trabalho contribuiu para que os estudantes focassem em sua responsabilidade para não comprometer a apresentação final.

Os comportamentos melhoraram e as aulas ficaram mais dinâmicas e divertidas, contribuindo não só para uma melhoria no ambiente de sala, como também para a o processo de ensino-aprendizagem.

Concordamos com Reis (2009, p.17) quando ela explica que “os gêneros orais estão presentes no nosso cotidiano, mas é através das práticas escolares, que temos a oportunidade sistematizá-los, pois a escola constitui-se em um espaço de comunicação”.

Nesta perspectiva, a escola não pode omitir-se de criar situações de usos efetivos da língua a fim de expor os estudantes a gêneros que não são vivenciados com tanta facilidade por eles devido a vários fatores.

Como resultado, observou-se a necessidade de familiarizar os alunos com o gênero, trabalhar suas características e especificidades, ensaiar e auxiliar os estudantes na reprodução das falas dos personagens, com as devidas entonações, além da formulação do cenário.





# VII ENLIJE

Também foi observado que após as encenações, os estudantes tornaram-se mais autônomos e souberam ler o texto teatral com as entonações e as pausas corretas, além de interpretá-las contextualizando o diálogo

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola é responsável por permitir a circulação de diversos gêneros, por isto é necessário que o professor oportunize momentos para que os alunos possam desenvolver a oralidade de diversos gêneros, especialmente aqueles que não são vividos diariamente.

A escola por vezes acaba por focar seu trabalho pedagógico, principalmente nos gêneros escritos, negligenciando, os gêneros orais. É possível perceber que se não fosse a aula com a vivência da peça teatral em sala, a maior parte dos alunos nunca teria tido a experiência de vivenciar ou assistir uma peça teatral.

Os estudantes tornaram-se mais autônomos e souberam ler o texto teatral com as entonações e as pausas corretas, sem parecerem robotizados, como no início dos ensaios.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Trad. de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec/Annablume, 2002.

\_\_\_\_\_. **Os gêneros do discurso**. In: BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARROS, José B. de. **A oralidade nas aulas de língua portuguesa: a produção do gênero debate**. Dissertação de Mestrado em Ciências da Linguagem. Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. Recife, 2014.

CONCEIÇÃO, Janaína V da. **O ensino de gêneros orais públicos: o que o teatro tem a ver com isso?** Monografia de Licenciatura em Letras – Língua Moderna, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Porto Alegre, 2011.

GERALDI, João W. **Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação**. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

MARCUSCHI, Luiz A. **Oralidade e escrita**. Signótica, nº 9, jan./dez. Universidade Federal de Natal – UFRN, 1997.

\_\_\_\_\_. **Da fala para escrita: atividades de retextualização**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2004.  
(83) 3322.3222  
contato@enlije.com.br  
[www.enlije.com.br](http://www.enlije.com.br)





# VII ENLIJE

REIS, Thaís H. dos. **O papel da escola na interação e aplicação dos gêneros orais na escola: Repórter mirim na era do rádio.** V Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais (SIGET): o ensino em foco. Universidade do Vale do Rio dos Sino (UNISINOS), 2009.

SCHNEUWLY, B. **Palavra e ficcionalização: um caminho para o ensino da linguagem oral.** In.: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. Gêneros orais escritos na escola. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus.** 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

